

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Vega Class.: Panará 72

Data: 01/11/72 Pg.: 25-26



Menglire (2,03 m) e Orlando (1,68 m), em 1957, no Parque do Xingu

ÍNDIOS

A fase esperada

O contato com a tribo dos Kranhacãrore*, os chamados índios gigantes, continuou durante a semana passada na fase da mais absoluta imprevisibilidade, que pode demorar uma hora, um dia, um mês inteiro. É a mais nervosa, desgastante e, também, a mais esperada das etapas. Depois de trocar sinais e acenos, o índio arredo às vezes aparece inesperadamente, sozinho e nervoso, dando palmadas na coxa, como aconteceu na terça-feira. Ou, como aconteceu na quarta, está acompanhado da mulher e de crianças.

Nas duas ocasiões, a testemunha das aproximações foi Cláudio Villas-Boas, chefe da expedição que a Funai enviou aos Kranhacãrore, juntamente com seu irmão, Orlando. Na primeira, além das palmadas, o índio armou o arco para flechá-lo. Como o sertanista não mostrou medo, desistiu. Na segunda, a família indígena não deu qualquer demonstração de agressividade ou de irritação pela presença de um estranho.

* Segundo Orlando Villas-Boas, que saiu de São Paulo na terça-feira passada para ir ao encontro de Cláudio, é esta a grafia mais correta. Significa, em língua taucaramãe, "gente da cabeça raspada".

Sinais animadores — As informações de Cláudio Villas-Boas, transmitidas à Funai, não fazem referência a uma das questões de maior interesse entre os leigos do indigenismo: a altura dos Kranhacãrore. Talvez porque não os tenha visto a distância bastante curta, que permitisse um cálculo (entre a expedição e os índios passa um rio largo, o Peixoto de Azevedo).

Mais certamente, porque não é a questão da estatura o que mais importa aos sertanistas. Em primeiro lugar, porque eles já encontraram vários indícios de que os Kranhacãrore são altos. Além de já terem visto um deles bem de perto: o enorme Mengrire, de 2,03 m, seqüestrado quando criança e depois criado pelos Txucarramãe, e falecido em época indefinida (entre 1966 e 1968), por razões não esclarecidas (provavelmente, uma briga), quando devia ter 38 anos. Em segundo lugar, porque na atual fase o mais importante é entender as intenções da tribo.

De acordo com o experimentado sertanista Francisco Meireles, encarregado pela Funai de coordenar os contatos com tribos desconhecidas na área da Transamazônica, os sinais são animadores, até agora. Mesmo quando retesou seu arco, o índio estava apenas testando a coragem do desconhecido, antes de permitir sua aproximação.